

# A IMPORTÂNCIA DA ESCRIVÊNCIA NA ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS<sup>1</sup>

Elisama Gomes de Lima Santo<sup>2</sup>  
Sherry Morgana Justino de Almeida

**RESUMO:** Este artigo analisa a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, por meio dos conceitos de Escrivência, de Conceição Evaristo, a partir do pensamento de Constância Duarte (2020), e Lugar de fala, de Djamila Ribeiro (2021) para melhor entender como uma mulher negra, pobre, mesmo tendo pouco estudo e sofrido diversos intempéries da vida, com destaque para a miserabilidade social e para os diversos preconceitos como o racial, de gênero, linguísticos e social, conseguiu escrever uma literatura que desafiou convenções literárias tradicionais, valorizou e deu voz às pessoas marginalizadas e oprimidas. Sua obra deu visibilidade a pessoas que se encontravam às margens da sociedade, cuja realidade era negligenciada, ao mesmo tempo em que nos permite refletir sobre a representatividade da mulher negra como escritora no Brasil. Além disso, o artigo se ampara teoricamente na tese de Aline Arruda (2015) sobre a obra de Carolina Maria de Jesus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrivência; Lugar de fala; literatura de mulheres negras, Carolina de Jesus

**RESUMEN:** Este artículo analiza la obra *Quarto de despejo: diario de una favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, a partir de los conceptos de Escritura, de Conceição Evaristo del pensamiento de Constância Duarte (2020), y Lugar de fala, de Djamila Ribeiro (2021) para mejorar comprender cómo una mujer negra pobre, a pesar de tener poca educación y sufrir diversas penurias en la vida, con énfasis en la miseria social y diversos prejuicios como raciales, de género, lingüísticos y sociales, logró escribir literatura que desafió las convenciones literarias tradicionales, valoradas y dio voz a las personas marginadas y oprimidas. Su obra dio visibilidad a personas que estaban al margen de la sociedad, cuya realidad era ignorada, al mismo tiempo que permite reflexionar sobre la representación de las mujeres negras como escritoras en Brasil. Además, el artículo se sustenta teóricamente en la tesis de de Aline Arruda (2015) sobre la obra de Carolina Maria de Jesus.

**PALABRAS CLAVE/KEYWORDS:** Escribiendo; Lugar de habla; literatura de mujeres negras, Carolina de Jesús

## Considerações iniciais

A primeira vez que tive contato com a literatura de Carolina Maria de Jesus foi cursando uma optativa chamada “Estudos Culturais”. Eu precisei ler um livro de autoria de uma mulher negra para apresentação de um trabalho e escolhi o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) Era o meu primeiro curso superior e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito final para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. e-mail: eglisanto@gmail.com

eu já estava com mais de trinta anos. Eu havia terminado o ensino médio aos dezoito anos e, até então, eu só havia tido contato com autores clássicos, sendo na maioria homens. Infelizmente, concluí o ensino médio sem entender o quanto isso poderia pesar para a formação da minha identidade. E o pior que eu nunca havia me questionado o porquê da ausência de escritoras negras no meu ensino médio.

Ao começar a ler o livro, conheci a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, uma escritora negra, pobre, moradora de favela, mãe solteira e que, para sustentar os filhos, catava papel. Sua obra tinha um enredo diferente de tudo que eu havia visto antes em um livro e isso me chamou muito atenção, porque me transportou para uma realidade que não foi vivida por mim em sua totalidade, mas que presenciei muito de perto em um passado distante, na minha infância.

A história de vida de Carolina é emocionante e seu estilo literário é direto e sua linguagem é acessível aos leitores menos acostumados a rebuscamentos linguísticos. Hoje trata-se de uma leitura cada vez mais conhecida e recomendada. No entanto, para chegar até esse reconhecimento literário, o começo da história de Carolina Maria de Jesus não foi muito diferente da de outras mulheres pobres. Todavia, Carolina tinha um sonho de ter seu diário publicado e se tornar uma escritora conhecida, porque escritora ela já se sentia. Ela tinha certeza que isso mudaria toda a sua vida. E quando começamos a nos aprofundar em seus escritos é que começamos a entender sua visão de mundo.

O relato autobiográfico de Carolina Maria de Jesus como catadora de papel e todas suas obras são importantes tanto do ponto de vista literário quanto social. Pretendo tratar neste artigo da importância da sua escrevivência, sobre o ponto de vista literário, considerando a condição de mulher negra e moradora de favela, referente à sua posição social, cultural e identitária, e como essa posição influenciou suas perspectivas e capacidade de expressão. A partir do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (apud DUARTE,2020,p.31)... “que é conceber escrita e vivência, escrita e existência; dando conta do processo de escritura a partir da condição pessoal, no caso, a de ser negra e mulher no Brasil”. E do conceito de lugar de fala, de Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2021, p.89), o qual diz de que “...pensar esse “Lugar de fala” seria como sujeito subalterno, (SPIVAK,2010)”...romper o silêncio imposto pelos dominantes tomando assim o seu “Lugar de fala”. Além desses dois conceitos, o trabalho se vale da tese de Aline Alves Arruda : *Projeto Literário e*

*edição crítica de Carolina Maria de Jesus, um romance inédito*(ARRUDA, 2015). E, com ajuda de outros textos teóricos e críticos, pretendo discutir sobre a ideia de que, quando o fenômeno Carolina Maria de Jesus, como explica Aline Arruda, surge em nossa literatura, fortalece a literatura escrita por outros autores negros no Brasil, pois não apenas oferece uma perspectiva única sobre a vida nas favelas brasileiras, mas também estimula a discussão importante sobre desigualdade social, feminismo, racismo e as vozes marginalizadas da literatura (ARRUDA, 2015, p.240).

## **1. Representatividade da mulher negra na escrivência de Carolina Maria de Jesus**

Carolina Maria de Jesus começou a ficar conhecida em 1958. O seu primeiro livro *Quarto de despejo* se tornou um *best-seller*, vendendo 100 mil exemplares na época, e sendo traduzido para diversos idiomas e distribuído em mais de 40 países. Porém, apesar de ser conhecida em outros países, principalmente nos Estados Unidos, no Brasil a escritora era pouco conhecida ou pouco reconhecida até meados da década de 90 do século XX.

A leitura da escrita de Carolina Maria de Jesus nos oferece uma perspectiva diferente do que costumamos ler nos programas de leitura da educação básica e, mesmo, do ensino superior em Letras. Ela nos oferece uma escrita de si e, ao mesmo tempo, também uma escrita coletiva pois expõe a realidade das pessoas que vivem na favela e relata a luta diária pela sobrevivência, destacando o tema da fome, do desespero e da resiliência das pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade social. As leituras perpassam pela sua vida na favela até a sua vida após o seu auge como escritora negra brasileira, leituras que estimulam importantes discussões sobre o racismo, sobre desigualdades sociais, discriminação racial e social, feminismo e além de tudo sobre as vozes marginalizadas da literatura. “A escrita de Carolina é pungente, forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo tempo.” (ARRUDA, 2015, p.12)

Autodidata, Carolina Maria de Jesus enfrentou uma série de desafios e teve sua literatura rejeitada pelo cânone, pois não era vista com bons olhos no universo acadêmico pelas temáticas que costumava abordar e por sua escrita simples que não

seguia um rebuscamento na expressão, como tradicional e conservadoramente se entendia linguagem literária. Carolina só havia estudado dois anos.

Carolina Maria de Jesus, felizmente, em nossos dias, tem seu lugar na literatura afro-brasileira. Em sua obra há diversos gêneros literários como: diários, autobiografia, poesia, provérbios e romances, peças teatrais e letras de samba. Entre esses está o diário *Quarto de despejo* (1960), o qual será objeto de análise neste artigo; *Casa de Alvenaria* (1961); *Diário de Bitita*, publicado na França (1982), e só depois no Brasil (1986); *Pedaços da fome* (1963), único romance publicado. Há ainda os romances inéditos: *Rita*, *Dr. Silvio*; quatro microfilmados: *Dr. Fausto*, *Diário de Martha* ou *Mulher diabólica*, *O escravo* e dois sem título. Fora esses, existem 87 poemas que lembram o estilo romântico, entre outros arquivos literários, conforme explica Arruda (2015). Esses e outros como rolos de microfilmes de manuscritos podem ser encontrados na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

Como moradora de favela, Carolina relata no seu diário a sua situação de vulnerabilidade por causa da situação precária que vivia, assim como das muitas mulheres que lá viviam: “22 de Julho / ...tem hora que me revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo.” ( JESUS,2004,p.22) Como catadora de papel Carolina tentava ganhar o que podia para sustentar seus filhos, era uma vida árdua assim como de muitas mulheres, até nos dias atuais, que lutam para ter uma profissão e um salário digno. Carolina assim fala dessa desigualdade:

20 DE JULHO ...o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que canto papel. O desgosto que eu tenho é residir em favela.(JESUS,2004, p. 19).

A queixa de Carolina naquele momento histórico não é muito diferente das queixas de muitas mulheres nos dias de hoje, principalmente de mulheres negras pobres no Brasil. *Grosso modo*, se olharmos sob um ponto de vista restrito ao campo do trabalho, percebemos avanços significativos, pois vemos hoje muitas mulheres trabalhando e até escolhendo suas profissões. No entanto, são muito claros os desníveis existentes entre a condição da mulher e a do homem no mercado de trabalho, como Marlene Neves Strey explica:

Há indiscutivelmente, em termos qualitativos e quantitativos , uma melhora na situação das mulheres quando comparada com outras épocas, mas imediatamente, apresentam-se exemplos de que isso não acontece para muitas. Por outro lado, também fica cada vez mais claro que a pobreza é cada vez mais feminina, que, apesar de muitas vezes serem mais qualificadas, não conseguem as mulheres, como grupo, ganharem os mesmos salários que os homens, como grupo. (STREY,2004,p.129)

Diante dessa constatação feita por Strey de que “a pobreza é cada vez mais feminina”, podemos observar que ainda as que têm acesso ao estudo e conseguem ter uma profissão têm seus salários mais baixos que dos homens, como já afirmado, o que constitui um reflexo muito grande ainda da desigualdade de gênero.

É importante lembrar que tivemos , pouco tempo, um avanço nessa questão quando, no dia 10 de julho de 2023, entrou em vigor, a lei nº14.611/2023 (BRASIL,2023) que “garante a igualdade de salário e de critérios de remuneração entre trabalhadores e trabalhadoras”. Essa lei seria uma pequena vitória diante de batalhas travadas por anos e que está longe de terminar, mas que acredito que como escritora marginalizada Carolina contribuiu de certa forma para com essa luta e viveu a experiência de ser mãe sozinha, assim como muitas mães hoje no Brasil lutam por uma profissão e um trabalho digno para que possam sustentar seus filhos.

Carolina relatou a experiência de ser uma mãe solo e ter que catar papel para ganhar um dinheiro que era pouquíssimo, mas que a ajudava a sobreviver juntamente com seus filhos, a experiência da fome que enfrentava a ponto de catar lixo pra comer, a experiência de viver em uma habitação precária, sem higiene e saneamento básico. Ainda narra a experiência de ver alguém morrendo de fome e não poder fazer nada para evitar essa morte, porque ela mesma também estava morrendo aos poucos:

7 de julho...Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fabrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! // ...Encontrei com ele outra vez, perto do depósito e disse-lhe: O senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma media. é bom beber um cafezinho de manhã. -Eu não quero. A senhora cata estes papeis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve receber uma

migalha e ainda quer dividir comigo. Este serviço que a senhora faz é serviço de cavalo. Eu já sei o que eu vou fazer da minha vida. Daqui uns dias eu não vou precisar de mais nada deste mundo. Eu não pude viver nas fazendas.

Os fazendeiros me explorava muito. Eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que eu vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades.(JESUS, 2004,p. 48,49)

Escrever a sua experiência e a vivência das pessoas naquela favela fez Carolina dar voz às pessoas marginalizadas pela sociedade. Seu livro trouxe visibilidade para as condições nas favelas e foi um desafio às normas gramaticais e aos que pensavam ser a literatura algo conservador e linguisticamente limitado a um parâmetro estético e linguístico único, que na verdade traduzir o elitismo de uma classe econômica dominante e seu desejo de silenciar outros registros e usos da língua e o relato de outras experiências étnicas e sociais. Como nos elucida Duarte-, a “escrevivência” surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente , o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade.(DUARTE, 2020, p. 38).

Ao lermos o livro de Carolina *Quarto de Despejo*, podemos perceber uma vez ou outra ela falar de lugar. Nesse trecho que leremos abaixo, Carolina reporta que a favela tem um lugar em São Paulo, mas não um lugar de destaque e sim um lugar esquecido, desprezado, onde ela diz que “jogam os lixos”. Claramente vemos uma crítica e ao mesmo tempo um desprezo em suas palavras de alguém que se sente esquecido e sem valor: “15 de maio de 1958/... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”(JESUS,2004, P. 28).

Lélia Gonzalez e Hasenbalg explicam que a separação física entre dominadores e dominados já existe na sociedade há muito tempo e dela resultaram todos os sistemas escravagistas, desde a Antiguidade:

Desde a época colonial aos dias de hoje a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos...(GONZALEZ;HASENBALG, 1982, p. 15).

A partir de uma reinterpretação da teoria do lugar natural de Aristóteles, Gonzalez e Hasenbalg (1982) mostram que a segregação dos espaços físicos entre

as classes não se trata de algo natural, mas de uma consequência das relações de domínio e exploração de pobres por ricos. Carolina de Jesus mostra consciência de ocupar o lugar dos dominados, ou melhor, de subalternizada. Cabem aqui as explicações de Miriam Alves sobre negação às mulheres negras da condição de seres humanos e o sofrimento de tríplice opressão exercida por parte dos homens e mulheres brancas e, ainda, a do homem negro:

pertencentes a dois grupos historicamente subordinados, Mulher e Mulher-Negra, vistas como objetos de consumo durante muito tempo, excluídas da condição de seres humanos, passam por uma tríplice opressão e uma segregação secular, além de terem de superar a ideia, cristalizada na sociedade brasileira, de serem incapazes de assumir outros papéis e cargos (ALVES, 2010, p.73)

A mulher pobre e negra, a figura mais comum nas “camadas mais baixas da sociedade” brasileira, resolveu registrar sob sua ótica sua vida e dos demais que no mesmo lugar social se encontravam. O livro de Carolina Maria de Jesus, então, é feito de críticas e denúncias capazes de produzir reflexões e através dele muitos tomariam conhecimento do que ali se passava. Saber onde se encontrava era importante, mas, mais importante ainda era saber que não era por uma questão natural, mas por questões político-econômicas. Carolina sabia que era subalternizada e, por consequência, excluída das decisões do poder público que poderiam retirar a ela e a sua comunidade da condição de pobreza. Sobre isso, elucida Spivak: “como subalterna ela se encontrava nas camadas mais baixas da sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no rebanho dominante”. (SPIVAK, 2010, p.12)

Carolina, apesar de pouco estudo, sabia o seu lugar e escrevia todos os dias no seu diário na esperança de um dia poder publicar o livro, mesmo não tendo condições financeiras nem conhecendo ninguém que pudesse lhe ajudar a publicar. Apesar das dificuldades por seu anonimato e depois de muita insistência, ela consegue publicar um poema em homenagem a Getúlio Vargas no jornal “O defensor”: esse já era um começo. Entretanto, ela precisava de mais oportunidades para expor sua fala, seus pensamentos, sua escrevivência. E foi no ano de 1958 que surgiu o jornalista Audálio Dantas, o qual se tornou figura determinante na vida de Carolina, não só porque ele ajudou-a, mas para falar da importância da posição

“intelectual pós-colonial” explicada por Spivak (2010). Dantas teve uma postura diferente do intelectual pós-colonial ao dar voz a Carolina oferecendo-lhe um espaço para que ela pudesse falar e ser ouvida por ela mesma, não se colocando como o reportador do discurso, não falou por ela. Ao ter esse lugar e ao tomar a sua posição, Carolina trouxe visibilidade para as condições de vida nas favelas. Spivak também reflete sobre isso ao tratar da maneira como muitos intelectuais se valem do discurso dos subalternizados. E nos diz que é preciso ter cuidado para que esse intelectual não tome o lugar de fala do subalternizado: “o perigo de se constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro”. (SPIVAK, 2010, p. 13) É de suma importância entender esse falar pelo outro, pois o lugar de fala vai muito além de emitir a palavra, conforme nos mostra Djamilia Ribeiro:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos num lugar de fala como refutar a hierarquização de saberes consequente da hierarquização social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2021, p.64).

As opressões estruturais impedem que determinados grupos tenham direito à fala, justamente por ser a voz social o instrumento mais potente de controle e manutenção de poder. Qualquer pessoa poderia falar sobre desigualdade social, mas no caso da mulher negra, que ocupa a base da hierarquia social, ao falar sobre sua condição na sociedade, ela não só diz palavras, ela está se impondo na luta pela visibilidade social como protagonista das suas vivências.

## **2. Exclusão e invisibilidade das mulheres negras**

Em uma sociedade patriarcalista onde, por muitas décadas, as escritoras mulheres foram silenciadas e sofreram apagamentos, poder falar sobre determinadas questões relevantes para a sociedade e denunciar questões raciais e desigualdade de gênero foi um avanço: “...27 de julho/...é que eu estou escrevendo um livro, para



vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para sair da favela. (JESUS, 2004, p.25) .

A obra de Carolina Maria de Jesus é emblemática de uma transformação importante lenta e gradual, porém, felizmente, cada vez mais forte que ainda se encontra em processo no cenário literário brasileiro, sobre o qual explica Constância Duarte: "Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas". (DUARTE, 2020, p.37)

Mesmo diante de tantos desafios que teria de enfrentar, Carolina tinha certeza de sua capacidade como uma escritora multifacetada. Como escritora negra contribuiu para quebrar os estereótipos de décadas que usam a imagem da mulher negra seguindo os padrões da cultura dominante imperialista, supremacista branca, capitalista e patriarcal que tenta perpetuar a mulher negra como subalterna. E como tal, sua imagem é atribuída à servidão, à ultrassexualização, à lascividade quer nas personagens dos livros ou nos meios midiáticos.

Existe um ditado popular que diz que uma imagem vale mais que mil palavras. Sob o ponto de vista e a partir da perspectiva que olhamos, esse olhar pode tornar algo visível positivamente ou negativamente. A imagem de Carolina, mesmo sendo a imagem de uma pessoa simples, era identitária, era de alguém que abraçava a negritude. No caso de Carolina a imagem negativa era transmitida não por ela, mas pelos que não a aceitavam. "...16 de junho/...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: é pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico..." (JESUS, 2004, p.58).

Sobre aceitação de nós mesmas, de nossos corpos como mulheres negras, e a importância dessa resistência, bell hooks diz que "A importância da resistência descolonizadora diante das representações estereotipadas e por pessoas e comunidades negras para entendimento e aceitação de seus corpos e suas identidades como uma "atitude revolucionária de amar a negritude".(hooks, 2019,p.09).

Mesmo quebrando estereótipos, que é uma forma de descolonizar, Carolina muitas vezes fez críticas ao comportamento de determinados moradores da favela, enquanto elogiava outros por acreditar que como ela moravam ali

temporariamente com a esperança de conseguirem emprego, de construírem uma moradia segura e digna e mudar aquela realidade. No meu entendimento, ao analisar suas falas eu consigo enxergar que, ao criticá-los, ela mais uma vez destrói estigmas de que pessoas que moram em comunidades vulneráveis vivem embriagadas, são irresponsáveis, não gostam de trabalhar, são mal educadas, violentas ou são criminosas e que, ao contrário, muitas ali fazem tudo para sobreviver e, assim como Carolina de Jesus, alguns também catam papel.”...19 de julho/...Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Hontem eu bebi uma cerveja, Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o essencial. O que eu reprovoo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber...” (JESUS, 2004, p. 18).

De acordo com o (IBGE, 2024), favelas e comunidades urbanas são territórios populares frutos de estratégias criadas pela própria população para atender a necessidade de moradia, comércio, serviço, entre outros, diante da insuficiência e inadequação de políticas públicas e investimentos privados para garantia do direito à cidade. Apesar de não ser recente esse tipo de moradia, que ainda é muito inadequada para sobrevivência e infelizmente ainda é um problema político e social, naqueles dias, superando os estereótipos, a escritora Carolina Maria de Jesus através de sua escrita já trazia graves denúncias da realidade do que é morar em um lugar sem um mínimo de recursos para viver o que pelo visto, na época atual, parece estar bem longe de ser solucionado. Enquanto isso, ainda hoje estigmas são usados por muitas pessoas para caracterizar as pessoas que moram em favelas. São formas preconceituosas que prejudicam e inferiorizam as pessoas que ali habitam.

É verdade que há pessoas que habitam esse lugar apenas por necessidade ou falta de opção. Todavia, embora esses espaços de vivência tenham mais limitações, muitas pessoas identificam-se e têm orgulho de sua origem. Tanto é que muitos têm optado por utilizar o termo comunidade para referir-se à favela. Esse termo traz consigo identificação com o grupo ao qual a pessoa se sente pertencente e não carrega os estigmas negativos relacionados com a palavra.(RIBEIRO, 2024).

Embora a favela não seja um lugar ideal para se viver existem diferentes tipos de pessoas que ali habitam por culpa dos governantes e da estrutura social e econômica e por falta de opção de poder escolher onde morar.

Se as adversidades, os estereótipos e muitos outros preconceitos vividos por Carolina não puderam calar sua voz, o preconceito linguístico por parte de intelectuais da época (e ainda hoje) tentou invalidar a sua escrita. No entanto, a literatura de Carolina era de resistência e esses pormenores linguísticos não invalidam a sua importância como literatura afro-brasileira. Isso porque a literatura pode ser entendida de maneira menos conservadora e mais ampla, conforme nos elucida Antonio Candido:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1998, p.176).

Vale salientar que o próprio Candido aqui exclui a oralidade/oralidade muito presentes na escrita de Carolina Maria de Jesus. E que, quando falamos em “manifestação universal a todos os homens,” pressupõe se sob uma ótica independente de raça, gênero ou classe social, uma suposta ideia de universalidade à qual não se adequa a autora aqui estudada. Pois, se entendemos que a literatura de Carolina Maria de Jesus é marcada por sua escrevivência, a sua expressão linguística não poderia nem deveria ser pautada na norma padrão da língua,

Mesmo escrevendo no contexto literário da segunda metade do século xx, quando o Modernismo já havia consolidado e a ficção passava do regionalismo nordestino para o intimismo de Clarice Lispector e o universalismo regional de Guimarães Rosa, Carolina Maria de Jesus, em um espaço social totalmente controvertido, num certo limbo cultural e literário, escreve uma literatura sua, baseada em sua “escrevivência”, e que, apesar de opiniões contrárias, insere-se nesse panorama como romancista legitimamente brasileira. (ARRUDA, 2015, p.90)

A escrita para ela era mais que uma fuga para desafogar a miséria, era uma necessidade que ia além de ter poder de compra. A necessidade que desvela o cotidiano, o dia a dia de uma favela diante de sua própria experiência e ponto de vista.

23 DE MAIO “Antigamente era a macarronada o prato mais caro. agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá.”(JESUS,1960, p. 38).

Carolina é importante para a literatura brasileira não só por sua representatividade, mas por causa do seu projeto literário. “...a escritora pensava em viver da literatura muito antes da editora Francisco Alves publicar seu diário. Na verdade, o que ela enxergava como obra ia muito além do registro de seu cotidiano pois abrangia outros gêneros como poemas, contos, romances e provérbios. (ARRUDA, 2015, p.21). Tratava de assuntos cotidianos, coerentemente expressos em estilo simples, direto, prosaico e criticamente potente.

### **Considerações finais**

A escrivência de Carolina Maria de Jesus é um ato de resistência e empoderamento. Ela usou a escrita como uma forma de resistir à marginalização e de se empoderar demonstrando que sua voz tem valor e poder. No ano de 2021 , 44 anos

após a sua morte, ela ganhou o título *honoris causa*<sup>3</sup> da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse reconhecimento prova o quanto os saberes são constituídos de várias formas e por fontes diversas. E, dentre esses saberes, chama a atenção a sua consciência política que inclui a visão crítica da cidadã bem como a ciência sobre seu papel social enquanto artista e escritora. Sobre isso, cabe destacar uma última citação do seu Diário: “...20 de maio/...Quando eu cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: // Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.// Pois a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: - É que eu tinha fé no Kubstchek.// A senhora tinha fé e agora não tem mais? // Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso

---

<sup>3</sup> CAROLINA MARIA DE JESUS GANHA TÍTULO DE DOUTORA HONORIS CAUSA DA UFRJ, G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/25/escritora-carolina-maria-de-jesusganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufrj.ghtml> Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

país tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.// ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2004, p.35).

A autora tem plena consciência de que sua escrita é instrumento contra as injustiças, principalmente depois do sucesso de *Quarto de Despejo*. Inclusive, para além dos limites geográficos brasileiros. Segundo Aline Arruda, na Argentina, o livro fez com que os portenhos se dessem conta de que em sua cidade havia favela. Várias de suas publicações estão esgotadas e não são, portanto, facilmente encontradas pelo leitor comum ou pelos pesquisadores de sua obra, o que nos mostra a importância e a necessidade de novas edições de todos eles e de publicações do material inédito. (ARRUDA, 2015, p.15).

O poder expressivo da literatura fornece acesso a diferentes perspectivas sociais. A escrevivência da obra de Carolina Maria de Jesus constitui-se, para além de uma forma de expressão individual, um importante instrumento de resistência e representatividade social. O silenciamento, ou até mesmo a exclusão, de textos escritos por sujeitos subalternizados da história literária brasileira permitem a perpetuação de um conservadorismo que mascara e nega a diversidade cultural, afastando da condição de sujeitas da história mulheres negras pertencentes às camadas mais populares e periféricas. Por isso, urge que haja mais leituras e estudos que propiciem discussões quanto à importância da literatura de Carolina Maria de Jesus e demais escritoras negras brasileiras. Até porque é o conhecimento de nossa diversidade que favorece reflexões e ajuda os leitores a compreenderem e combaterem diversas injustiças sociais, como o racismo, o machismo e a exploração da miséria social.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. V.7

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: Projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. 2015, 262 f. Tese ( Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015;

BRASIL. IBGE: **Favelas e Comunidades Urbanas**. Rio de Janeiro, 2024.

BRASIL. **Lei nº14611**, de 03 de julho de 2023..Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 de Julho de 2023. Disponível em:  
[[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/lei/L14611.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14611.htm)]. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

G1. **Carolina Maria de Jesus ganha título de Doutor Honoris Causa da UFRJ**, G1, 2021.Disponivelem:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/25/escritoracarolina-maria-de-jesus-ganha-titulo-de-doutora-honoris-causa-da-ufri.ghtml> Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura**, São Paulo, Pers-pectiva, 1998;

DUARTE, Constância Lima, **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia, HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982;

hooks, bell, **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo, Elefante, 2019, 356p.;

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo, Francisco Alves, 2004;

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo, Sueli Carneiro, Jandaíra, 2021;

RIBEIRO, Amarolina. "Contrastes nas favelas"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/contrastes-nas-favelas.htm>. Acesso em 18 de fevereiro de 2024.

STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues. **Gênero e Cultura**: Questões contemporâneas. Coleção gênero e contemporaneidade, 1. Porto Alegre: Edipucrs, 2004;

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

